

NOITES

Fizeram-me um necrológio, os poetas amigos. A lembrança foi gentil, mas acho que houve um pouco de pressa. Calma, ó jovens bardos; o Braga anda calmo e forte como um boi, e ainda tem muito que mugir. Mugirei talvez em vossos enterros, tristemente. Enquanto isso vou labutando durante o dia, volto para casa suado e exausto porém repouso me'a hora depois de uma chuveirada, janto com discrição e lá me vou aos butecos.

Os quais estão brilhantes. Temos Charles Trenet no "Night and Day", no final de um "show" horroroso sobre Paris, que dá vontade da gente nunca mais ir a Paris. Mas Trenet canta tão bem que a gente se reconcilia com a boa França e a certa altura dá uma vontade de fazer a marcha para leste num Bandeirante da Panair e ficar batendo calçada pelos boulevards — evitando, é claro, as esquinas mal frequentadas, como por exemplo a da avenida Montaigne com a rua Clement Marot.

No "Bequin" há uma italiana que vale muito a pena ouvir, e cujo nome se perde na minha memória entre névens de uisque, há também três acrobatas e continua a haver, o que é uma felicidade para nossos olhos e ouvidos, a morena Berta Cardona, ma'ra e linda. No Plaza Copacabana não sei o que há no momento, mas a "boite" é decididamente feita-a. O velho "Vogue" está romântico: nosso Caymi assobia para chamar o vento (e canta melhor do que nunca, a idade o fez mais discreto, mais sábio e mais suave) e a pequena Angela Maria começa a crescer quando começa a cantar, e resulta muito grande; gosto quando ela se afasta do microfone para abrir mais a voz, e do jeito infantil de agradecer as palmas. No "Monte Carlo" Silveira Sampaio continua com o longo sucesso de "O terceiro homem" mas se prepara para lançar "Um americano no Recife", com Nancy Wanderley no melo; eu vou só para ouvir Nancy falar feito pernambucana com a língua pegada, é genial.

O "Casablanca" está dando o grande: Carlos Machado teve a coragem de levar para o "show" um dos maiores artistas de todos os tempos em língua portuguesa, que é João Villaret. Não se espantem quando ele aparecer, todo maneirado e gordalhufo: ele abre a boca, move as mãos e vos domina, vos empolga, vira touro, labrego, destino, demônio, tuco. É um grande artista, cuja presença dá uma alta dignidade ao mundo frívolo das "boites". Haveria muito o que dizer desse "show" a começar pela decoração nova de Maria Celina Simon, anotando o progresso desse bailarino Mauricio Loyola (principalmente no quadro de Macau), e o encanto de artistas como Mary Gonçalves e Silvia Fernanda, mas fiquei siderado foi com Marília de Dirceu. Declaro com a responsabilidade de quem percorreu atentamente todos os Estados e vários Territórios desta longa Federação e nunca na estrada no mato, na montanha deixou de se voltar na rua quando pressentiu algo de belo: declaro para todos os fins, e sem finalidade nenhuma, que jamais houve mulher morena no Brasil tão linda quanto Norma Tamar: toda vestida de branco, os cabelos soltos, essa Marília dá vontade da gente ser poeta preso, demitido desgraçado, condenado, degredado para a Costa d'África desde que isso pudesse comovê-la.

Mas dizem que as mulheres são muito falsas. Recolho-me à traveira onde habito, faço minhas abluções e orações e entro na última "boite", que é sonho, mais barata, às vezes melhor.

5/3/53

R. B.